



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	19. JAN. 1980
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Um discurso e várias expressões

Por Mário Oliveira

Não sou político. Não quero ser político. Nunca poderei ser político. Sou e continuarei a ser um homem profundamente ligado às artes. E, como tal, quero saber em que consistem as relações do artista com o seu mundo exterior e qual é o resultado que pode implicar para mim, por exemplo, o perder-se, com a indiferença dos políticos, um formoso meio ambiente e atravessar uma cidade plena de anarquia urbana e física, — também com a mesma indiferença dos políticos — com uma arquitectura ultrajada em todas as suas belas formas. Ainda como artista tenho a obrigação moral de estar atento ao ambiente que me rodeia. E, como não sou político, sou artista, fica a doer-me a alma de pena por ver o meu país barbaramente assassinado, com o corte de árvores — algumas centenárias — na estrada de Sintra e em muitos outros locais; deitarem-se abaixo edifícios de magnífica traça arquitectónica, e monumentos que testemunham culturas e civilizações; atraiçoar-se a paisagem com construções clandestinas, e tudo isto ante a indiferença total dos políticos que nos orientaram até agora, os quais nunca se preocuparam com a realização de estruturas para um correcto equilíbrio ecológico, urbano e arquitectónico. Tudo isto observo porque sou artista, e estou sempre atento ao que se passa no meio exterior onde vivo, medito e trabalho. Por tal motivo ouvi com a máxima atenção o discurso do sr. Presidente da República, general Ramalho Eanes, no dia 3 de Janeiro, no Palácio da Ajuda, durante a posse do VI Governo Constitucio-

nal.

Foi um discurso demasiado longo para o alto significado do acto, mas que, tal como o grande «Discurso do Método» de Descartes, pode ser dividido em seis partes.

Na primeira, uma aparência de acitação; na segunda, as opiniões do «método» pensado e trabalhado em equipa que Sua Excelência andou em busca; na terceira, algumas das regras da sua moral, que tirou do mesmo método; na quarta, as razões pelas quais o País está bem; na quinta, a das questões económicas a melhorar; na última, as coisas que cuida serem requeridas para avançar no seu «método», além das razões psico-emocionais que o levaram a elogiar a acção governativa demagógica da sr.ª engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo, que na TV e durante o discurso do Primeiro-Ministro, dr. Francisco Sá Carneiro, apareceu com uma expressão goyescas a definir com claridade todos os pensamentos que tinha na alma.

Também a TV nos mostrou imagens de conselheiros da Revolução. No caso particular do major Vasco Lourenço, pela sua fisionomia parecia estar a lembrar-se daquela entrevista tão lúcida, tão inteligentemente elaborada e tão oportuna que deu num matutino lisboeta, nas vésperas das eleições de 2 de Dezembro, com toda a isenção que um militar da sua estirpe deve ter em relação à política...

Um dos discípulos predilectos de Freud, Alfredo Adler, diz que todo o jogo expressivo de uma pessoa é revelador dos seus esta-

dos anímicos. Isto é certo. Durante o discurso do Primeiro-Ministro, dr. Francisco Sá Carneiro, as expressões do sr. Presidente da República, passando pela sr.ª eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo, até às dos srs. conselheiros da Revolução, todas eram bem elucidativas dos seus estados anímicos. Como observador estético e intérprete de personagens, o único retrato que pintaria, naquele momento, com verdade expressiva seria sem dúvida o do comandante Almeida Costa, que estava com a serenidade expressiva de uma figura de «El Greco».

Todo o sistema anímico procede de uma substância inata que funciona psicológica e corporalmente, cujo desenvolvimento está sujeito plenamente às condições sociais. A expressão de uma pessoa é sempre o marco em que se desenvolve o órgão da alma, e todos os sentimentos interiores estão reflectidos nessa mesma expressão.

Na observação que fiz de carácter sentimental e estético através do pequeno «écran» da TV, durante a posse do VI Governo Constitucional, descobri que efectivamente toda a inveja tem uma forma expressiva que se reconhece sobre mimica com facilidade, especialmente através do olhar. Sem dúvida, neste aspecto, o olhar que mais chocou a minha sensibilidade de artista foi o da sr.ª eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo. A expressão goyescas não correspondia em absoluto aos seus sentimentos profundamente religiosos. Como católica que é, sabe com certeza o que diz o Eclesiástico: «Fi-

lho, se te acercares a servir Deus, tens sempre teus olhos iluminados de bondade». Nos olhos da sr.ª eng.ª, sobretudo quando falava o sr. Primeiro-Ministro, parecia que suas pupilas o fulminavam, sobretudo, quando ele se referiu ao caos económico em que se encontra o País.

Como disse um matutino em análise de fundo, no discurso do general Ramalho Eanes «ressaltam entrelinhas que é preciso compreender e aprofundar. Na mensagem da Ajuda sobressai o homem, destacam-se intenções, manifesta-se um certo estado de espírito, não se escondem preocupações». Efectivamente, foi um discurso cheio de entrelinhas, onde mais uma vez e sem nenhum disfarce se destacaram todas as intenções; e também é verdade que se manifestou um certo estado de espírito. Estado de espírito que era bem visível, mormente naquelas personagens que, nas vésperas das eleições, e inoportunamente, vieram fazer a sua propaganda cheia de entrelinhas» contra a Aliança Democrática, quer na TV, quer nos jornais, não respeitando o mínimo sentido deontológico dos cargos que ocupam.

O País, através do discurso do sr. Presidente da República, ficou mais elucidado da personalidade do general Ramalho Eanes. Se a concepção científica da personalidade se apoia, como penso, na definição da essência do homem como conjunto de relações sociais, não há dúvida de que o discurso de 3 de Janeiro nos elucidou francamente do conjunto das relações sociais do general Ramalho Eanes.